

## REDUÇÃO DA VIOLÊNCIA EM BAIROS POPULARES COM POLÍTICAS SÓCIO-EDUCATIVAS

Ivandilson Miranda Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** *Este trabalho faz parte de um processo de acúmulo teórico e prático na área de Itapagipe (Alagados), localidade que abrange três bairros: Massaranduba, Jardim Cruzeiro e Uruguai; visa apresentar o trabalho desenvolvido pelo curso pré-vestibular Comunidade Universitária, que está situado na Paróquia de São Jorge, para a inserção dos jovens no ensino Superior e o impacto que essa iniciativa produz para reduzir os índices de violência juvenil em lugares que concentram comunidades pobres que se enquadram na nomenclatura de periféricos. O trabalho também propõe construir uma memória sobre o surgimento dessas práticas alternativas, fazendo um relato histórico e uma análise da importância dessas ações para os jovens que moram nos bairros periféricos da cidade do Salvador e como o envolvimento dos mesmos tem modificado a imagem das comunidades populares.*

**Palavras-chave:** Violência; Educação; Política.

### INTRODUÇÃO

A redução dos índices de violência na periferia, tem sido um desafio para toda a sociedade brasileira. Esse trabalho tem duas vertentes de compreensão; a primeira é fruto de uma experiência política vivida por moradores de Alagados, área em Itapagipe que congrega três bairros: Massaranduba, Uruguai e Jardim Cruzeiro, na construção do cursinho Pré-vestibular Comunidade Universitária; a segunda é a necessidade de transformar toda essa história numa futura dissertação de mestrado em Ciências Sociais na Universidade Federal da Bahia.

Todo o corpo do trabalho vai apresentar a importância do projeto Comunidade Universitária como elemento de redução dos índices de violência na região dos Alagados. Essa região vive do esquecimento das autoridades governamentais, pois o braço do Estado mínimo não consegue alcançar os mais pobres, negando-lhes saúde, habitação, políticas de geração de emprego, educação e segurança pública.

O grande interesse desse trabalho é evidenciar a luta diária das pessoas que moram na periferia para garantir a sobrevivência num contexto de globalização, novas exigências para entrada no mercado de trabalho, crise de valores e estimulação exacerbada do individualismo.

### A VIOLÊNCIA X AUSÊNCIA DE PODER ESTATAL

O fenômeno da violência emergiu como um problema para os indivíduos e sociedade deste final de século. Mesmo, muitas vezes, não aprofundado e sujeito à influência da mídia, a violência assumiu a proporção de debate popular, expresso tanto na conversa, como na pauta das instituições que compõem a sociedade.

---

<sup>1</sup> Graduado em Filosofia pela Universidade Católica do Salvador (UCSAL), Especialista em Metodologia do Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Aluno Especial Mestrado em Ciências Sociais da UFBA, Professor da rede particular de ensino, professor de Filosofia e Ética Profissional e Sociologia nas Organizações nas Faculdades Delta (FACDELTA), Coordenador Pedagógico do Curso Popular Comunidade Universitária, músico da Banda Periferia.

As respostas a este fenômeno têm-se mostrado múltiplas e diversas, abrangendo uma gama de medidas, nos mais variados níveis: coletivo, individual, estatal. As pessoas se armam, cercam suas casas, pagam segurança privada, organizam passeatas, pedindo paz, o governo implementa o programa nacional do desarmamento, e o tema da segurança é incluído na agenda do dia de muitos organismos e grupos.

A violência é um traço tão marcante das sociedades contemporâneas que Arendt (1993, p.13) propõe uma “reconsideração da condição humana à luz de nossas mais novas experiências e nossos temores mais recentes”.

Parece que tudo nos provoca medo e insegurança como afirma o sociólogo e cientista Gey Espinheira (2001, p. 08) que: “Há uma sensação generalizada que se vive em um período em que a violência está sem controle...” Isso acaba corroborando as análises de Arendt (2001, p.44): “onde a violência aparece, o poder está em risco, mas, deixada a seu próprio custo, ela conduz à desaparecimento do poder”.

Assim para a própria Arendt (2001, p. 37): “A violência distingui-se do poder por seu caráter institucional”. Meios implementados, instrumentos, ferramentas são alguns dos substantivos usados pela autora. Portanto, com o propósito de multiplicar o rigor natural, a violência aproxima-se fenomenologicamente do rigor, estando ausente o poder, a violência estará presente.

As periferias são exemplos típicos dessa ausência de poder. O Estado, que é um poder “coletivo”, reconhecido institucionalmente pela sociedade democrática, não se faz presente no atendimento aos principais serviços como: saúde, educação, saneamento, segurança.

Essa ausência de poder, nos bairros periféricos, provoca a expansão da violência nos seus mais diversos graus: tráfico, roubos, brigas, assassinatos, repressão policial. Espinheira (2001, p.13) afirma que: “Não se trata, pois, de situar a violência como um componente intrínseco à natureza humana’ mas às condições sociais que desumanizam, que embrutece”.

A consideração do professor Espinheira entra mais uma vez em consonância com Arendt (2001, p.14) que diz: “A violência não é uma ‘doença’, mas sim uma resposta social que se manifesta numa pluralidade de ações e direções”. Ambos abordam a violência como algo que se manifesta ou como resposta social ou negação do poder.

## **A REAÇÃO COM POLÍTICAS SÓCIO – EDUCATIVAS**

As iniciativas de cursos pré-vestibulares de bairros periféricos, assim como as ações dos outros movimentos sociais presentes na periferia (grupos ambientais, direitos humanos, rádios comunitários, postos de saúde comunitários, espaços culturais, escolinhas/creches) são respostas significativas para o próprio contexto. Neste caso, temos o filósofo italiano Antonio Negri que, para explicar situações como esta, cita as ações da multidão que se organizam globalmente, mas sem uma conexão tecnológica e ideológica aprofundada, contra os ditames do império, o capitalismo no seu sentido mais perverso e concreto.

As idéias de Gey Espinheira contribuem para reconhecer a importância dos espaços gestados pelo movimento social para consolidar cidadania, pois

“... O controle da violência estaria na superação das condições mais dramáticas de vida, da ausência de instituições de mediação e de espaços de lazer, e em grande medida da precaríssima formação educacional dos mais jovens, submetidos a um padrão educacional completamente distanciado da realidade contemporânea...”. (ESPINHEIRA, 2001, p.13)

A precariedade educacional produz um espaço social onde os mais jovens são sacrificados com a marginalidade: "... Isso se agrava com a precariedade da formação educacional, que não predispõe o indivíduo como um trabalhador conhecedor de modos de fazer coisas, mas como um ser destituído de aptidões formalizadas..." (ESPINHEIRA, 2001, p.11)

Isso quando o trabalhador consegue emprego, coisa tão rara na periferia. Mas, mesmo com esse cenário de incertezas e crescente índice de violência na periferia, Espinheira (2001, p.13) apresenta uma ponta de esperança na sua análise sobre a juventude, quando diz: "São nesses espaços que mais se morre em Salvador, mas é também aí que se encontra uma juventude inquieta e participante...".

A juventude tem sido protagonista de uma série de ações que estão mudando o aspecto dos lugares mais pobres de Salvador. Os cursos pré-vestibulares comunitários são apenas uma das muitas respostas viáveis a toda essa realidade de sofrimento e intempéries.

## **INICIATIVAS DE EDUCAÇÃO NOS BAIROS POPULARES: UM POUCO DO HISTÓRICO E DA PROPOSTA DO CURSO PRÉ-VESTIBULAR COMUNIDADE UNIVERSITÁRIA**

A Comunidade Universitária nasce de forma muito parecida com as outras iniciativas de educação nos bairros populares. A boa educação pública, constantemente negada pelos governos, o aumento das exigências para aquisição de um emprego são motivos para o surgimento dos cursos Pré-Vestibulares de bairros populares.

À medida que o mundo avança científica e economicamente, avançam também as cobranças em torno das habilidades e competências que impõe, para a contemporaneidade, um ser humano mais conectado com as informações e transformações do seu tempo. Às vezes, essas transformações só estão no plano da lógica financeira do sistema globalizante, mas desde que a bipolarização se foi, o mundo é multipolar sempre na rota do capital. Tal pensamento evidencia-se na abordagem do geógrafo Milton Santos (2003, p. 45) da seguinte forma: "Tiranias do dinheiro e tirania da informação, são os pilares da história atual do capitalismo globalizante".

As tecnologias e informações que dão acesso ao mundo do trabalho e a possibilidade de sobrevivência, criam uma atmosfera de muita disputa no atual estágio de desenvolvimento da história. O capital associa-se de forma determinante a essas duas questões, pois quem tem informações e domina as novas tecnologias pode conquistar espaço no mercado. Essa análise mostra um cenário cada vez mais competitivo e uma necessidade de atualizar-se através do processo educativo para tentar evitar a exclusão ou descartabilidade.

A educação, então, ganha uma importância relevante, pois todos (segundo as regras do mercado) precisam estar mais e mais qualificados. Essa qualificação traduz-se na crescente busca pelos cursos superiores, pelo diploma universitário. É dentro de toda essa realidade que surge mais uma experiência de educação popular na comunidade de São Jorge - Jardim Cruzeiro-Península de Itapagipe.

## **UM POUCO DA HISTÓRIA DO POVO E DO LUGAR**

Os Alagados é a conhecida ocupação de pessoas em cima d'água que surgiu na Cidade Baixa no final da década de 1950. Várias famílias chegaram do interior do Estado para construir suas palafitas (Barracos) nas águas da Península de Itapagipe em busca de trabalho e de uma vida melhor. Alagados foi se configurando ao longo dos tempos como um local de muita desigualdade e pobreza, mesmo com as intervenções dos poderes públicos, cobrindo a

maré com lixo e entulho e criando o Bate-Estaca (Canal criado na década de 1980 para escoar o esgoto da região de Alagados) as dificuldades não deixaram de aparecer. O desemprego, a proliferação de doenças, a desnutrição, a violência são traços marcantes desses três bairros que ainda têm a presença de palafitas em seu entorno.

Alagados é uma dessas localidades onde a presença do Estado é invisível. O Estado mínimo (como prega o neoliberalismo) está presente em bairros com poder aquisitivo maior; nos lugares de muita pobreza não temos direito a quase nada, nem liberal, social democrata, socialista, anarquista, comunista, nada, é barbárie mesmo. Saber que teremos mortes por brigas de grupos envolvidos com o tráfico, mortes por falta de atendimento médico, mortes por fome é viver num lugar inacreditável, uma utopia às avessas.

Vivendo numa realidade dessas, não existem grandes alternativas. A aceitação das péssimas condições de vida ou a reação, a luta coletiva para “vencer” são os horizontes apontados em bairros periféricos com altíssimos índices pobreza e violência e desrespeito aos direitos humanos.

### **NASCE MAIS UMA ALTERNATIVA: “AVANTE E ATÉ A VITÓRIA”**

O Curso Comunidade Universitária foi criado em 2001, por jovens dos Alagados que não tinham e não têm condições para pagarem um cursinho pré-vestibular comercial para se prepararem para o exame vestibular. Desde sua criação, o curso já conseguiu aprovar dez alunos em várias instituições, inclusive na Ufba e no vestibular de 2005, conseguindo levar sete alunos para a segunda fase, esperando aprovação.

O curso não tem mensalidades e funciona com doações de alunos, professores e amigos para que o material didático seja reproduzido. O curso não tem módulo, e os professores atuam de forma voluntária.

A Paróquia de São Jorge cedeu uma sala de aula para o funcionamento do curso e a esta só comporta trinta e cinco alunos. Desde 2002, há um processo seletivo para a ocupação das vagas e, na maioria das vezes, a procura é muito grande, mas o curso dispõe somente de uma pequena sala e da colaboração da comunidade, dos professores e da força dos alunos que impressionam pelo desempenho e compromisso. Foi essa força que impulsionou o desejo de pesquisar a redução da violência a partir da ação dessa iniciativa.

Vale ressaltar o seguinte fato: ao longo desses três anos, além de aprovar (dois alunos) na Universidade Federal da Bahia, em 2004 e 2005, o Comunidade Universitária conseguiu aprovar seis alunos na Universidade Católica do Salvador, dois na Faculdade Área 1, um na Faculdade de Tecnologia Empresarial, dois no Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia, um na Faculdade Jorge Amado e um na Olga Metting.

O curso nasce de uma maneira bem despreziosa. O que importava mesmo era a reunião entre quem queria ter acesso aos conteúdos para a prova do vestibular e quem queria possibilitar o acesso às informações para as provas. Isso tudo tentando, é lógico:

Superar a tradicional visão segundo a qual “alguns” sabem e os demais aprendem. O importante é participar criativamente em atos de conhecimento. Não se compreende, então, educação como um banco de dados, mas sim como uma série de envolvimento (FREIRE E NOGUEIRA, 2000, p. 79).

Tentar recuperar o tempo perdido ou adequar-se ao novo período de exigências tem sido a tônica de iniciativas de educação popular dessa natureza. Sem dinheiro para bancarem cursos oficiais, o povo acabou se organizando, não por acaso, mas por força da necessidade, para

produzirem alternativas que possibilitem a entrada na universidade e a melhora da qualidade de vida.

A organização do curso no bairro não garante o ingresso (de imediato) no ensino superior. Alguns alunos conseguem aprovação, mas o trabalho dessas iniciativas é o de, em primeiro lugar, elevar a auto-estima dos educandos. Com isso, todos ou quase todos acabam criando o espírito de comunidade e vão tentando superar dificuldades da aprendizagem tida no passado de forma coletiva.

## CONCLUSÃO

A perspectiva de todo o trabalho é tentar comprovar que os cursos pré-vestibulares de bairros populares são importantes instrumentos para redução dos índices de violência na periferia, reforçando o papel dos movimentos sociais no contexto de mudança contemporânea que a cada momento compromete o papel do Estado e impõe o direito privado, promovendo as desigualdades entre os que têm e os que não têm.

Os cursos pré-vestibulares, ao apresentarem uma possibilidade de mudança de “destino” da vida dos jovens, têm contribuído para a reconfiguração sócio-econômica e cultural dessas localidades, visto que os jovens que entram nas instituições de ensino superior têm outras perspectivas no mercado de trabalho e na vida social do bairro, não indo para a marginalidade.

Essa pesquisa viva, também, aponta possibilidades de reorganização do movimento social que vem sofrendo desgaste com os governos neoliberais que desorganiza tudo que pode servir de questionamento ao modelo, ethos capitalista. Os movimentos sociais ainda são espaços de produção de idéias, práticas renovadoras por um mundo melhor e mais humano.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **A Condição Humana**. Trad. Roberto Raposo. 6ª. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

ARENDDT, Hannah. **Sobre a Violência**. Trad. André Duarte. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

ESPINHEIRA, Gey. **Sociabilidade e Violência na Vida Cotidiana de Salvador** [8-16] In Bahia Análise & dados, V. I (1999). Salvador: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, 2001.

\_\_\_\_\_. **Os Tempos e os Espaços do Crime**. In A Outra Face da Moeda.Salvador-Violência: Nelson de Oliveira, Lutz Mulert Souza Ribeiro, José Carlos Zanetti (orgs). Comissão de Justiça e paz da Arquidiocese de Salvador, 2000.

\_\_\_\_\_. **Salvador: A Cidade das Desigualdades – Raízes da Violência**. In: Paz só com Justiça/Álvaro Gomes (org). São Paulo: Anita Garibaldi, 2002.

\_\_\_\_\_. **A Cidade Invisível e a Cidade Dissimulada**. In Quem Faz Salvador/ Coordenação Paulo Costa Lima... [et al] Organizador do livro Ana Maria de Carvalho Luz... [ et al]. Salvador: UFBA, 2002

FREIRE, Paulo e NOGUEIRA, Adriano. **Que Fazer: Teoria e Prática em Educação Popular**. 7. ed. Petrópolis. Vozes. 2002.

HARDT, Michael, NEGRI, Antonio. **Império**. Tradução Brilo Vargas. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001.

SANTOS, Milton. **Por uma Outra Globalização: O Pensamento Único à Consciência Universal**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.